

Por esta eu não esperava!: masculinidades plurais na HQ X-Factor

RESUMO

Lucas do Carmo Dalbeto

E-mail: lcdalbeto@yahoo.com.br
Universidade Estadual Paulista,
Bauru, São Paulo, Brasil

José Carlos Marques

E-mail: jose.marques@unesp.br
Universidade Estadual Paulista,
Bauru, São Paulo, Brasil

Este trabalho apresenta uma análise dos possíveis discursos vinculados ao casal LGBTQ+ Rictor e Shatterstar, super-heróis da revista X-Factor, da editora Marvel. O trabalho adota como premissa a afirmação de Rob Lendrum, que defende que as representações destoantes do super-herói heterossexual agenciam novas formas de ser e estar na sociedade, com manifestações de gêneros mais plurais. Assim, identifica-se que “Ricstar”, ainda que inscrito em uma lógica de produção e consumo, contribua para questionar as normas estruturantes da matriz binária sob a qual os gêneros são construídos e interpretados, as resignificando dentro de sua própria limitação a fim de promover novos discursos que sejam mais diversos e inclusivos.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em Quadrinhos. Gênero. Sexualidade. Masculinidade. Marvel.

INTRODUÇÃO

Decorrido quase um século desde a criação do super-herói original, *Superman*, as Histórias em Quadrinhos (HQs) de superaventura e os super-heróis se tornaram parte do imaginário cultural do Ocidente e extrapolaram as páginas das revistas para diversos outros *media*. Considerados, ainda, como entretenimento frívolo para crianças e adolescentes, estes bens culturais são frutos do seu contexto de consumo. Refletem ainda, em suas narrativas, complexas questões e importantes valores dispersos no tecido social no momento de sua produção, tornando-os interessantes objetos de análise para diferentes áreas.

Prova disso é o fato de que, desde a década de 1960, tem sido notável a atenção da indústria para a diversidade em suas narrativas. As duas principais editoras mundiais, *Marvel* e *DC Comics*, têm apresentado histórias com protagonistas femininas, personagens não brancas e, inclusive, de sexualidades desviantes da heterossexual. Um desses casos envolveu os super-heróis Rictor e Shatterstar, num importante marco para a editora no tratamento de novas formas de masculinidades menos rígidas com relação à heteronormatividade. Trata-se da edição de número 45 de *X-Factor*, um dos diversos títulos da franquia *X-Men*, que, na edição de agosto de 2009 apresentou os dois protagonistas em relacionamento homoafetivo.

Como observa o autor Rob Lendrum (2004), nos últimos anos a quantidade de personagens que se desviam do padrão binário de gênero e sexualidade apresentados nas HQs tem aumentado consideravelmente. *Marvel* e *DC Comics* apresentaram diferentes abordagens e temas que corroboraram com sua afirmação de que “Os super-heróis gays abrem espaço para a pluralidade de masculinidade e oferece um modelo alternativo ao super-herói heterossexual” (LENDRUM, 2004, p. 72).

A partir da afirmação de Lendrum (2004), este trabalho objetiva refletir acerca dos papéis de gênero delineados pelas HQs de superaventuras. Toma-se como objeto de análise o casal “Ricstar”, os questionamentos levantados pelos personagens que os desviam do padrão de masculinidade perpetuado pelos super-heróis e as diferentes possibilidades de ser e se expressar como homem. Para tanto, adota-se a perspectiva de Discurso de Michel Foucault, sob a qual os discursos são representações culturais e responsáveis por agenciar e regular o que pode ou não ser dito e a forma como será dito. Desse modo, os discursos influenciam na constituição de sujeitos, o que se dá constantemente segundo os agenciamentos a que estão expostos (FOUCAULT, 2013).

QUADRINHOS E SOCIEDADE

As Histórias em Quadrinhos são obras que levantam questões socioculturais em um mundo fantástico, que é amplo, rico e complexo, o que permite diferentes interpretações e infinitas abordagens. Suas narrativas podem ser apresentadas em diferentes gêneros, tais como os quadrinhos humorísticos, de terror, eróticos, e, entre outros, os aqui tratados, de aventura e superaventura.

Empregando linguagem verbal e não-verbal, as HQs apresentam conjuntos de elementos em suas páginas capazes de remeter a valores e normas dispersos no

tecido social no momento de sua produção. Seriam assim, agenciadoras de discursos nos quais a sociedade é representada de acordo com a visão dos produtores.

A superaventura, segundo Nildo Viana (2005), teve início com a publicação do primeiro super-herói, *Superman*, em 1938, que serviu como modelo para todos os super-heróis que o sucederam. As HQs possuem a capacidade de se relacionar com a sociedade de modo a refletir as mais diversas nuances de seu contexto de produção. Desta forma, diferentes temas e abordagens são apresentados nas narrativas referentes às discussões que permeiam o período em que foram produzidas. *Superman* foi criado para ajudar os americanos a enfrentarem os tempos de recessão e a vindoura II Guerra Mundial. Segundo Viana (2013), as publicações alcançaram um novo status a partir da década de 1970, com obras mais politizadas e complexas, direcionadas, principalmente, ao público adulto. Ainda que os super-heróis sejam conservadores, o sociólogo cita que eles abrem espaço para questionar a sociedade e manifestar valores divergentes dos praticados que rompem “parcialmente com a censura moral, política e religiosa, entre outras” (VIANA, 2013, p. 34).

Tal qual os demais bens culturais emidiáticos, as HQs também visam a obtenção do lucro; assim, a liberdade criativa da equipe responsável pelo desenvolvimento das narrativas é vinculada ao capital editorial e às regras estabelecidas por ele. Como atenta Viana (2013), o público consumidor é o outro alicerce que irá determinar o conteúdo das Histórias em Quadrinhos. Logo, a evolução dos leitores/consumidores e as mudanças dos valores sociais perpetuados em determinadas épocas são fundamentais para a compreensão destes produtos culturais.

Como exemplo, é possível identificar durante a década de 1970 que temas que refletiam as lutas sociais em vigência no Ocidente estavam na pauta das duas maiores editoras de Quadrinhos. A criação de personagens negros, o desenvolvimento de temas contemporâneos, como uso de drogas, lideranças femininas e as discussões acerca de gênero e sexualidade, são alguns indícios que demonstram a estreita relação entre Quadrinhos e sociedade.

Quando Rictor conhece Shatterstar

Rictor e Shatterstar existem há cerca de 30 anos e integraram diferentes títulos antes de se encontrarem na equipe *X-Factor*. Rictor é o codinome de Julio Esteban Richter, um mutante mexicano com a habilidade de manipular energia sísmica e se conectar ao centro da biosfera. Foi criado em 1987 pelo casal de quadrinistas Louise e Walter Simonson e teve sua primeira aparição nas páginas de *X-Factor*, porém participou de outras equipes, entre elas a *X-Force* e os Novos Mutantes. Por um breve período, relacionou-se com Lupina e Tabitha, suas colegas de equipe.

Já o alienígena Shatterstar é um mutante do *Mojoverso*, o reino extradimensional governado pelo ditador Mojo. Seu passado é envolto em mistérios e teorias. Sabe-se que Gaveedra Seven, nome real de Shatterstar, foi criado a partir da manipulação genética de Longshot, o gladiador mutante campeão dos torneios televisionados de Mojo. Criado em 1991 por Fabian Nicieza e Rob Liefeld, famosos por desenvolverem personagens excessivamente másculos

e mulheres sensuais, Shatterstar era a típica representação da masculinidade defendida pelos seus criadores: músculos imensos, cabelos esvoaçantes, expressão carrancuda e adepto de violência desmedida.

Os dois super-heróis se encontram pela primeira vez na edição 13 de *X-Force*, publicada em agosto de 1992. Comandada pelo roteirista Fabian Nicieza, os personagens desenvolveram fortes laços de amizade, o que chegou a suscitar algumas especulações entre leitores, mas nada foi confirmado até o roteirista Peter David assumir a autoria da revista *X-Factor*. Rictor é um dos poucos humanos com quem Shatterstar se conectou na Terra. Em *X-Force* #34, Shatterstar conta a Rictor que aprendeu espanhol para que os dois pudessem conversar com mais privacidade.

Durante o período em que Nicieza esteve à frente de *X-Force*, a relação entre os dois personagens não passava de uma forte amizade, contudo, este *background* foi aproveitado por Jeph Loeb, responsável pelo título a partir da edição #44. Na história, a equipe passa por reformulações. Apreensivo, Rictor decide deixar a *X-Force* e voltar para o México. Enquanto se despede, Shatterstar tenta persuadi-lo a não os deixar, dizendo que precisava do melhor amigo por perto.

À frente do título, a intenção de Loeb, segundo Brian Cronin (2007), era de que o relacionamento entre os personagens finalmente fosse desenvolvido para surgir um romance. No entanto, outras tramas tomaram a atenção do autor, que acabou se afastando do título antes que seus planos se concretizassem. Analisando algumas páginas, é possível identificar que a relação entre Rictor e Shatterstar não se adequava aos padrões de masculinidade perpetuados socialmente. Em *Cable* #22, Shatterstar demonstra uma forte dependência emocional do companheiro (Figura 1), o que é ressaltado em *X-Force* #56, quando ele ainda se lamenta pela partida (Figura 2).

Figura 1: Shatterstar tenta dissuadir Rictor de voltar para o México.



Fonte: Cable 22 (agosto/1995)

Figura 2: Shatterstar luta contra sua colega de equipe Syren. Na caixa de texto, o narrador supõe que Shatterstar e Rictor teriam uma relação mais íntima do que a amizade.



Fonte: X-Force 56 (julho/1996)

Em 2005, quando Peter David assumiu o título do qual Rictor e Shatterstar eram membros, o romance entre os dois personagens voltou à pauta e foi confirmado com o beijo apresentado na edição publicada quatro anos depois.

Nesta história, Shatterstar é obrigado a atacar civis e os próprios colegas do *X-Factor* após sofrer controle mental de um vilão. Diferente da história da Bela Adormecida, que mostra a princesa despertando do sono eterno conjurado pela bruxa má após ser beijada pelo seu príncipe encantado, o texto de Peter David retratou Shatterstar recuperando a consciência antes de retribuir o beijo do namorado aflito, o que eliminou qualquer dúvida acerca do ato. O parceiro de equipe Guido, que presenciou a cena, demonstrou seu choque com a frase “Putz... Por esta eu não esperava!” (Figura 3).

Figura 3: Primeiro beijo entre Rictor e Shatterstar



Fonte: X-Factor 45 (setembro/2009)

O roteiro de Peter David gerou grande repercussão na época. Foi reconhecido pelo GLAAD¹ com o prêmio *Outstanding Comic Book* em 2011, mas não agradou a todos. Rob Liefeld se pronunciou a respeito dizendo “Mal posso esperar para desfazer isso!” (LIEFELD apud MELROSE, p. 1, 2009). Liefeld se justifica afirmando que Shatterstar foi desenvolvido por ele como um alienígena que não compreende a sexualidade humana. Trata-se de um personagem assexuado que luta para compreender o comportamento dos seres humanos. O autor ainda afirmou que seu posicionamento não é homofóbico, e sim pró-origem do personagem. De acordo com suas palavras “... Eu não tenho nada contra os gays, possuo familiares gays e não sinto nada além de amor por eles. O mesmo para personagens gays, se esta é sua verdadeira origem.” (LIEFELD apud MELROSE, 2009, p. 1).

GÊNERO EM PAUTA

As Histórias em Quadrinhos de superaventura, bem como os demais bens culturais, perpetuam um modelo normatizado de masculinidade enquanto gênero, assim como o ideal de feminilidade que pauta o entendimento do feminino. Por conseguinte, Jeffrey A. Brown (1999) compreende que o entendimento do gênero

masculino sempre se dá em uma visão dicotômica que opõe o desejável ao repulsivo nas HQs. Segundo o autor, a identidade masculina está atrelada a dois padrões, “[...] o ideal hiper-masculino com músculos, sex appeal e habilidade social; na outra o magro, fracassado e socialmente incapaz.” (BROWN, 1999, p. 25).

Geralmente, como observa o autor, a ideia de masculino é a do afastamento do feminino e das características associadas a este, tais como “duro não suave, forte não fraco, reservado não emocional, ativo não passivo.” (BROWN, 1999, p. 27). Neste sentido, a construção do corpo e as atitudes são essenciais para perpetuar a superioridade masculina, ideologia que tem nos bens midiáticos um admirável vetor de difusão.

Sob esta ótica, nota-se que as HQs e os super-heróis atuam como importantes propagadores da normatização do “ser homem” e das atitudes esperadas de um indivíduo do gênero masculino em nossa sociedade. Conforme aponta Guacira Lopes Louro (2013), a determinação social se dá pela referência aos seus corpos. Desta forma, a “cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis [...] são, sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) **marcas** de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de nacionalidade.” (LOURO, 2013, p. 77, grifos da autora). Segundo a autora, dentre as marcas destacam-se a divisão binária entre masculino e feminino como uma das principais divisões sociais, cuja premissa determina a diferença e a oposição e ainda

[...] costuma afirmar que determinado sexo (entendido, neste caso, em termos de características biológicas) indica determinado gênero e este gênero, por sua vez, indica o desejo ou induz a ele. Essa sequência supõe e instituiu uma coerência e uma continuidade entre sexo-gênero-sexualidade. (LOURO, 2013, p. 82).

Assim, afirma-se na sociedade ocidental o discurso de que homens devem ter determinada postura, certos condicionantes biológicos e atitude sexual. De homens espera-se o sustento da família, a virilidade, o predatismo sexual, que eles não controlem seus ímpetos sexuais e que estes ímpetos sejam sempre direcionados para a mulher, cujos discursos se opõem totalmente aos discursos sobre os homens.

A sexualidade, portanto, está atrelada a discursos a respeito dos corpos biológicos e como estes corpos determinam os gêneros. Gêneros estes que se inscrevem na dicotomia binária masculino/feminino, masculinidade/feminilidade. Nas Histórias em Quadrinhos, com destaque para as superaventuras, estes valores se mostram presentes em abundância. *Superman*, por ser considerado o primeiro super-herói, serviu também como modelo para todos os super-heróis que o sucederam. Como destaca Brown (1999, p. 31),

[...] o principal ingrediente desta fórmula é a dualidade da identidade do herói. Enquanto o corpo do super-herói representa com clareza de detalhes a musculatura, a confiança, o poder que personifica o ideal de masculinidade fálica, o alter-ego – a identidade que precisa ser mantida em segredo – retrata a candura, a falta de poder, a insegurança associada ao homem feminino.

Como seu próprio nome explicita, *Superman* está acima dos demais homens. Ele possui superforça, pode voar, é resistente às balas e, até mesmo, capaz de

subverter a rotação da Terra. O personagem e seu universo povoam o imaginário cultural há décadas nas mais diversas mídias, assim como seus relacionamentos afetivos com Lois Lane e com, até recentemente inédito, a Mulher-Maravilha.

Em relação à construção de seus corpos, Rictor e Shatterstar apresentam uma curiosa e nítida distinção antes de serem apresentados como um casal e após essa revelação. Nos primeiros anos de existências ambos possuíam características físicas que muito os afastavam das figuras esguias que figuram nas páginas mais recentemente. Apesar de desenhados inicialmente por quadrinistas diferentes, sob a tutela de Rob Liefeld seus corpos ganham traços que os aproximavam do ideal perpetuado por Superman (músculos evidentes, veias salientes). O mais curioso é que Rictor estreia nas páginas das HQs como adolescente, o que biologicamente o afastaria desta compleição.

Além da constituição “biológica” dos corpos dos personagens, outro detalhe que atrai a atenção são os trajes utilizados por ambos. Na Figura 4 é possível perceber como as peças de roupas cobrem quase a totalidade de seus corpos em profunda oposição aos utilizados em suas versões anteriores. É importante salientar que os anos de 1990 representaram um importante – e muito criticado – marco na estética dos Quadrinhos. Tendo em Liefeld seu expoente, o lema “*Big Muscles, Big Chicks and Big Guns*” dominou grande parte das publicações de super-heróis no período. Shatterstar é um dos frutos deste período, e, sob a tutela de Liefeld, Rictor absorveu os exageros estéticos que permearam o período. Músculos à mostra em peças que, sob o olhar do leitor atual, parecem impraticáveis. Grandes armas e a imponência de posturas que, muitas vezes, permitidas somente pela flexibilidade da celulose das páginas de papel, caracterizavam o perfil do super-macho.

Figura 4: Os novos visuais de Rictor e Shatterstar durante o *run* de Peter David.



Fonte: X-Factor 47, v. 3 (novembro/2009)

Anos mais tarde, desenhados pela dupla Marco Santucci e Valentine De Landro, seus corpos apresentam traços mais esguios e delicados, que em nada lembram os brucutus que foram anteriormente (Figuras 1 e 4). Esta representação comunica diferentes significados. Como discutido anteriormente, ao gênero masculino cabe a corporalidade viril; ao feminino, a suavidade e fragilidade. De

modo geral, a mudança nos traços e o contraste entre os corpos antes e depois formam, ainda que indiretamente, uma percepção da ideia de feminilidade pela qual os homossexuais são, com algumas exceções, apresentados nos bens midiáticos.

Mesmo que o desenvolvimento dos corpos tenha sofrido influência da estética de cada período, é possível identificar que as modificações sofridas por Rictor e Shatterstar não são as mesmas sofridas por Guido, personagem que os acompanha nas figuras 3 e 4, e que possui uma gigantesca musculatura, o que, em contraste com os demais personagens, lhe atribui um signo de masculinidade e virilidade latente. Outro aspecto a ser observado é a afetividade que não se adequa à regra discursiva a respeito do gênero masculino. Ainda que tenha se relacionado, ao menos, com duas personagens “femininas”, Rictor traz à luz a discussão de gênero ao transitar entre a frágil barreira que opõe a hetero à homossexualidade, e sua relação com as performances de gênero.

Sobre isto, a filósofa Judith Butler (2016) afirma que, ainda que existam práticas discursivas que visam normatizar os gêneros dentro da ótica binária apresentada anteriormente, o gênero pode atuar como o aparato empregado para desnaturalizar estas construções. A filósofa parte da célebre afirmação de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher, mas torna-se”², para desenvolver a conceituação de gênero/sexo/desejo, de modo a desconstruir as oposições naturalizadas que reduzem os sujeitos ao desempenho dos papéis designados às suas genitálias. Como observa a autora, nas sociedades ocidentais, ao menos na maioria delas, há uma linearidade entre estes três conceitos, que é reproduzida ininterruptamente, na materialização dos corpos.

Devido a sua origem alienígena, Shatterstar nunca se enquadrou nos padrões sociais vigentes. Trata-se de um alienígena oriundo do futuro e de outra dimensão, o *Mojoworld*, um universo paralelo no qual torneios de vida ou morte eram entretenimento televisivo. Neste futuro distópico, Shatterstar era um grande guerreiro que se rebela contra as regras do ditador Mojo e vem ao Planeta Terra em busca de ajuda para livrar seus conterrâneos.

Sua natureza não é compreendida em razão da homo ou heterossexualidade, conforme seu criador Rob Liefeld fez questão de frisar, mas segundo seus próprios desejos que não compreendem os hábitos da sociedade terrestre ou suas concepções de masculinidade. De fato, o personagem confessa a Rictor, em *X-Factor* #43, que nunca havia sentido qualquer tipo de estímulo emocional antes, muito menos havia tido experiências sexuais, uma vez que no *Mojoworld* o sexo possuía fins reprodutivos e era assistido em laboratório. Logo, é perceptível que a construção de gênero e sexualidade para Shatterstar sofre agenciamentos diversos aos vividos pelo personagem na Terra contemporânea. Enquanto sujeito masculino, seu papel é o de atuar nas lutas televisionadas e entreter os telespectadores com suas habilidades de guerreiro. Quando não estiver mais apto a exercer este papel, deve fornecer a matriz genética para a produção de uma versão funcional e mais jovem. Enquanto indivíduo sexual, tem sua sexualidade anulada em prol da manutenção do *status quo* perpetuado no universo governado por Mojo, contudo mais fluída ao se deparar com novos agenciamentos de desejos.

Segundo a compreensão de Butler “[...] o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (BUTLER, 2003, p. 24). Diante disto, Butler

compreende o gênero como os significados socioculturais atribuídos aos corpos perante determinado contexto. Sua afirmação questiona, portanto, a legitimidade de um sistema binário aplicado à compreensão dos gêneros.

Para Butler, o rompimento com os conceitos binários e as ideias categorizantes permitem que as noções de gênero pré-estabelecidas sejam questionadas, assim como toda a estrutura de signos que as mantém. A autora defende que o gênero é algo performativo segundo o qual o corpo irá atuar. Suas considerações descartam a ideia de identidade de gênero, uma vez que esta seria constituída performativamente, por meio de símbolos estabelecidos e reconhecidos.

A performatividade não é meramente uma performance desempenhada por um objeto predeterminado, mas uma das formas mais poderosas e insidiosas pela qual os sujeitos são chamados à existência social, inaugurado em socialidade por uma variedade de difusas poderosas interpelações. Neste sentido, a performatividade social é uma parte crucial não só de formação do sujeito, mas da contestação política em curso e reformulação do assunto também. Neste sentido, a performatividade não é apenas uma prática ritual: é uma das influências ritualísticas pela qual os sujeitos são formados e reformulados. (BUTLER, 1999, p. 125).³

Desta forma, Butler (1999) compreende que o sujeito não pode ser reduzido aos discursos, nem ao seu desempenho social, mas deve ser interpretado como uma constante construção de caráter performativo, capaz de ressignificar os signos normatizantes hegemônicos em prol de singularidades. Como a autora salienta, a “[...] identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (BUTLER, 2003, p. 48).

Ao ingressar na equipe *X-Factor*, Shatterstar demonstrou não se pautar pelas regras sociais estipuladas. Não hesitava em matar seus oponentes e era mais violento do que os demais membros da equipe. Precisou se adequar aos costumes terráqueos e ao lema de seu líder, “Matar apenas em defesa, nunca a sangue frio”. Na edição de *X-Force#1*, o guerreiro decepa a mão de um vilão com quem lutava e afirma que o mataria se seus novos companheiros de equipe não o impedissem. Nota-se, portanto, que não é somente às estruturas de gênero que Shatterstar não se adequa, mas às diversas normas sociais institucionalizadas. Contudo, ainda se trata de um super-herói.

Tal como seu parceiro Rictor, o personagem é capaz de ressignificar os signos a respeito de ser um super-herói – que, à luz de *Superman*, não devem matar ou exercer violência desmedida – e a respeito da masculinidade do super-macho. Nas páginas de suas narrativas, o casal “Ricstar” busca formas de masculinidades capazes de fragmentar as estabilidades sociais.

“Ricstar”: Sob a marca da norma

Um dos temas tratados por Peter David após a divulgação do romance entre Rictor e Shatterstar foi a monogamia. Para Michel Foucault (2012) este é um dos dispositivos de controle de comportamento que visava a disciplinarização dos indivíduos em prol de um ideal burguês. O filósofo aponta a ordem de poder, denominada biopoder, como responsável pela naturalização de processos sociais.

É possível compreender esta manifestação como o conjunto de práticas regulatórias que visam criar corpos dóceis e economicamente ativos. Para o filósofo francês, trata-se da forma como o poder irá se manifestar no decorrer de toda a vida das pessoas, dividindo-se em dois eixos de atuação, por meio da disciplina – cujo foco eram os corpos dos indivíduos – e a biopolítica – que se encarregava do governo da população.

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação, durante a época clássica, desta tecnologia de duas faces – anatômica e biológica –, individualmente e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida, caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo. (FOUCAULT, 2012, p. 152).

Dentre os mecanismos de manutenção desta ordem estão as sexualidades. Foucault defende que ao longo da história a sexualidade passa a ser regulamentada por uma série de parâmetros para adequá-la aos interesses que, a partir do século XVIII, correspondem ao interesse do capital.

Dessa forma, a sexualidade com finalidade reprodutora e de manutenção de bens passa a assegurar a vigilância dos indivíduos. Uma das estratégias para tanto, apontada pelo autor, é a proliferação de discursos que visam a regulamentar a sexualidade. Como identifica o filósofo “[...] o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz.” (FOUCAULT, 2012, p. 158).

Estes discursos, como Foucault aponta, não se restringe às palavras ou aos ditos de um indivíduo ou grupo de indivíduos. Trata-se de uma noção mais ampla, um sistema, que considera o que pode ser dito, o que se estabelece como verdade ou mentira, o que justifica a ausência ou presença de determinados enunciados. O Discurso, portanto, pode ser compreendido como o conjunto de enunciados e relações possíveis para que se estabeleça significantes. Por conseguinte, a Análise do Discurso, segundo a perspectiva de Foucault, não se propõe a identificar a verdade, mas sim as possibilidades interpretativas que se estabelecem diante um determinado enunciado, segundo as condições de seu tempo e espaço.

Os enunciados se difundem, se perpetuam pelo corpo social e são incorporados aos modos de ser e estar dos indivíduos pelas diversas instituições, como a igreja, as ciências e o próprio matrimônio. A este respeito, Foucault também observa que o poder não atua somente como opressor e limitador, mas ele é responsável pela produção dos sujeitos. E mais: o poder não é algo detido, mas fluido, e que pode ser conduzido por diferentes operadores. Não se trata, portanto, do poder do Estado sobre os indivíduos, mas as forças atuantes na subjetivação dos sujeitos, entre elas a relação estabelecida com a verdade, com o discurso e com a ética. Os sujeitos, portanto, buscam verdades nas quais possam aportar seus discursos. A concepção da verdade perpetuada socialmente atua como dispositivo de controle do que é permitido publicamente e do que é relegado à clandestinidade (FOUCAULT, 2012).

Retomando o objeto de análise, em Nação X, saga publicada em 2010, a equipe viaja até Utopia, lar/santuário dos mutantes. Neste segmento o casal apresenta algumas desavenças devido ao comportamento liberal de Shatterstar. De volta à casa, Rictor confessa ao namorado o quanto se sente incomodado pela

necessidade do parceiro de ter novas experiências e estar com outras pessoas. Uma vez que Shatterstar precisou romper com os seus costumes originais e se adequar aos sentimentos e padrões normativos da Terra, este se surpreende com a reação de Rictor. Não compreende a monogamia ou o comportamento que deveria adotar em um relacionamento. Não se adequa ao discurso do que seria uma relação “normal” para a sociedade, ou porque se relacionar com várias pessoas seria algo condenável.

Figura 5: Rictor enciumado por ver o namorado conversando com outro homem.



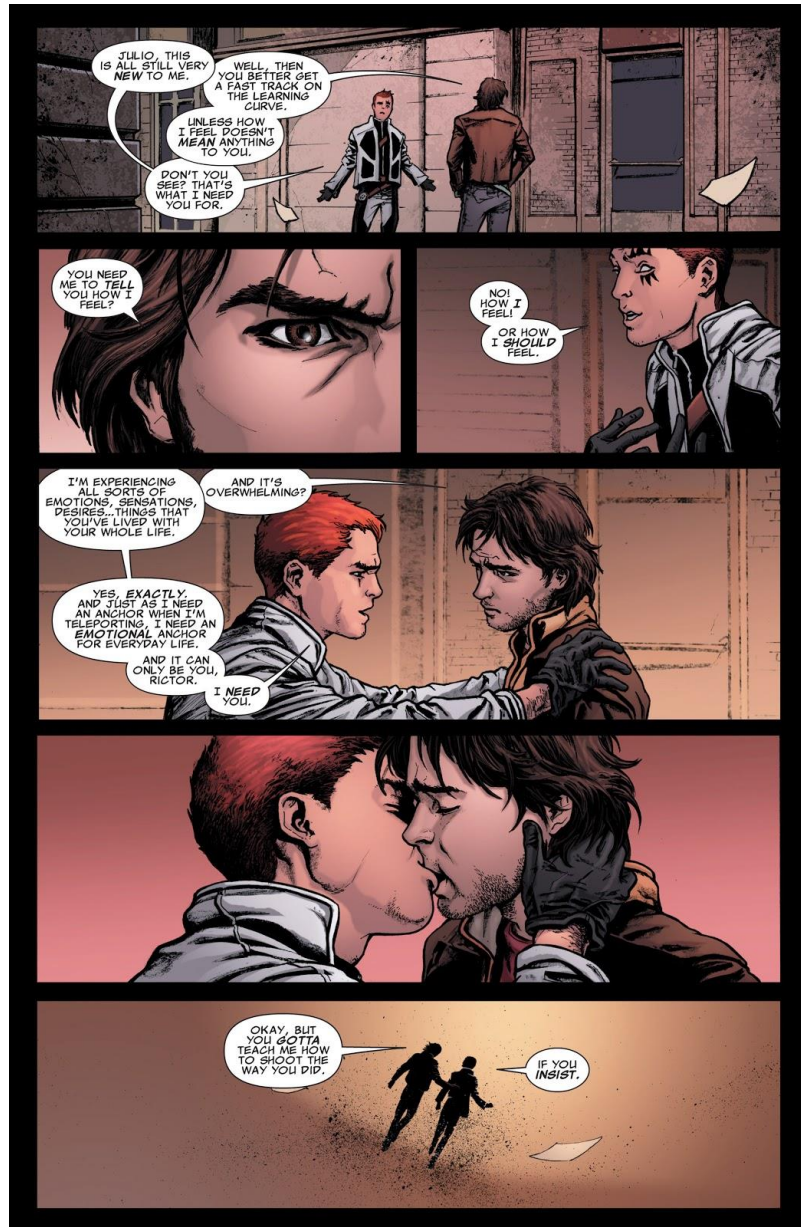
Fonte: Nation X – X-Factor #1 (março/2010)

Enquanto Rictor está subordinado à normatização monogâmica estabelecida e perpetuado pelos discursos acerca dos relacionamentos, Shatterstar rejeita esta lógica e questiona o motivo do parceiro se sentir ofendido com sua proposta de manter uma relação de não exclusividade. Trata-se, portanto, de uma clara adequação aos signos sociais que estabelecem o que é um casal. O tema é abordado por Antônio Crístian Saraiva Paiva (2007, p. 25), que caracteriza as conjugalidades homoafetivas como delineadas à margem da institucionalização do matrimônio. Contudo, ressignificando-as, “[...] fazendo inúmeras intersecções e provocando fricções nos esquemas de compreensão e regulamentação legal das práticas amorosas, conjugais e de filiação.”

Durante anos Shatterstar esteve deslocado sócio e culturalmente de seu novo contexto (Figura 6). Não compreendia os costumes terrestres e precisou oprimir sua natureza assassina para se adequar às normatizações da sociedade “terrestre”.

Ainda que esta estivesse retratada em um universo de fantasia e fantástico, apresentava valores correspondentes ao universo não ficcional.

Figura 6: Rictor discute com Shatterstar sobre os sentimentos não normativos do namorado.



Fonte: X-Factor#207 (setembro/2010)

É neste contexto, portanto, que ao propor um relacionamento que se afaste da normatividade monogâmica, Shatterstar relata a si próprio segundo uma subjetividade coexistente à normatização universal. Ainda que, como identifica Paiva (2007), as relações homoafetivas não se orientem pela norma da exclusividade monogâmica no imaginário perpetuado, há uma forte tendência destas se orientarem segundo modelos heteronormativos de conduta e de renúncia pulsional” (PAIVA, 2007, p. 36).

Pode-se perceber, ao analisar a trajetória do relacionamento entre Shatterstar e Rictor, que ambos buscavam uma alternativa de relacionamento que

se adequasse aos seus desejos. A edição 207 de *X-Factor*, publicada em setembro de 2010, um ano após o primeiro beijo entre o casal, apresenta um diálogo no qual ambos avaliam o relacionamento após a discussão iniciada em Utopia (apresentada na Figura 5). Rictor sugere que Shatterstar procure uma relação aberta para poder se dedicar aos seus desejos por novas experiências, não necessariamente sexuais. Diante da infelicidade do parceiro, Shatterstar afirma que a presença de Rictor em sua vida é necessária para que suas novas experiências sejam válidas. Em prol de um relacionamento que se aproxime dos modelos praticados pela sociedade o casal abdica de suas pulsões desejantes⁴, que são mais evidentes em Shatterstar, cuja subjetividade foi agenciada, em boa parte, a partir de valores distintos dos que encontrou no Planeta Terra.

De modo geral os dois personagens, sob a ótica de Peter David, se deparam com uma nova perspectiva de si mesmos, confrontados com a possibilidade de expressarem-se livremente diante das categorias de gênero e sexualidade que, ao mesmo tempo em que oferecem modelos (des)confortáveis de ser/estar, são passíveis de resignificação.

O *run* de David chegou ao fim em setembro de 2013, com a edição 262 de *X-Factor*. Em uma trama que envolvia viagens no tempo e alteração das realidades, Rictor e Shatterstar são obrigados a lutarem um contra o outro em um torneio do *Mojoworld*. A luta é evitada pela interferência de Longshot, “pai” de Shatterstar. Ao contrário do que alguns esperavam, a relação entre os personagens não foi formalizada em um casamento, ainda que tenham continuado juntos. Em entrevista o autor citou o motivo:

Eu não casei Rictor e Shatterstar por dois motivos. Primeiro, eu simplesmente não achei que seria o certo para eles. Existe muita coisa acontecendo com eles para que estivessem prontos para se comprometer. E segundo, foi porque, francamente, eu estava preocupado com que parecesse que eu os havia revelado puramente por motivos políticos. Isso, ao invés de simplesmente parecer correto e moderno, estava fazendo isso para fornecer um meio de comentar sobre o casamento gay. Em termos de quadrinhos modernos, eu acho que minha única questão seria a taxa de mortalidade aparentemente elevada entre os personagens homossexuais. Esta é a razão pela qual eu prometi, anos atrás, que eu nunca iria matar Ric ou Star. (DA-VID, apud SUNU, 2013, p. 1).

A afirmação de David pode evidenciar a complexidade da determinação da homoafetividade e das regulações normativas das relações homoconjugais. Ainda que a discussão sobre a exclusividade restritiva e o relacionamento aberto tenha sido resolvida no decorrer das edições, o fato da negociação entre os personagens ser discutida nas páginas da HQ demonstra as possibilidades de deslocamentos e resignificação possibilitadas pelas próprias normas.

Embora os personagens tenham permanecidos em evidência durante algum tempo na editora, ao fim do *run* de Peter David suas presenças nas HQs diminuiu consideravelmente. Durante alguns anos apareceram apenas como figurantes em histórias protagonizadas por outros super-heróis. Entre 2018 e 2019 Shatterstar estrelou uma minissérie própria em 5 edições. Com roteiro de Tim Seeley, o arco mostrava o super-herói lidando com suas escolhas e as consequências de ter abandonado a vida de gladiador. Preso em um lapso temporal, Shatterstar é

resgatado por Rictor, e o elo entre os dois é reforçado pelo texto de Seeley. Em um diálogo, Rictor explica que sentiu os poderes de Shatterstar em outra dimensão, e assim o rastreou. Shatterstar responde que, apesar de tudo, os dois sempre vibraram na mesma frequência.

Figura 7: Rictor utiliza seus poderes para salvar o namorado.



Fonte: Shatterstar #5 (abril/2019)

A despeito da forte ligação entre os dois personagens, em 2019 foi revelado o fim do relacionamento amoroso. Rictor confessa ao colega Homem de Gelo, que o casal está separado, e que os dois poderiam marcar um encontro se ele estivesse interessado⁵.

Rictor que, tal como Shatterstar, andou ausente das publicações regulares por alguns anos, seguiu um rumo diferente para se afastar do ex-namorado. Passou a fazer parte da equipe Excalibur, grupo de mutantes dos X-Men sediados na Grã-Bretanha, e vêm lutando para controlar seus poderes, que têm se comportado de maneira destrutiva. Apesar de “RicStar” não ser mais parte das publicações mais recentes, o relacionamento entre os super-heróis não foi apagado da cronologia da Marvel, tampouco suas sexualidades. É possível identificar, portanto, a inclinação da editora em apresentar aos leitores um pouco mais de diversidade em suas publicações, ainda que esta diversidade esteja sujeita às demandas mercadológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Histórias em Quadrinhos, como bens culturais, evidenciam a complexidade social do mundo em que foram produzidas. Desta forma diferentes discursos se fazem possíveis de acordo com o momento da leitura. Este trabalho teve por objetivo apresentar algumas destas possibilidades que, tal como as expressões de gênero nele discutidas, são diversas. Não se trata de findar um assunto, mas provocar a reflexão acerca das rupturas das regulações de gênero perpetuadas socialmente.

Parece claro que as estruturas normatizantes operam na subjetividade dos sujeitos e permeiam as possibilidades de existência de cada um sob um viés universalizante. No caso analisado é identificável que, para além das expressões de sexualidade, Rictor e Shatterstar trazem para a reflexão as normas estruturantes que determinam as impossibilidades de ser dentro dos códigos vinculados à masculinidade. Assim, a resistência encontra espaço na ressignificação simbólica das próprias estruturas desta matriz por meio de discursos que sejam mais diversos e inclusivos.

O conceito de gênero implica, não somente, na diferenciação entre homens e mulheres, mas em construções socioculturais que determinam a dicotomia entre masculinidade e feminilidade. Nesta lógica, é possível afirmar que as possibilidades de pluralização de masculinidades e feminilidades abrem espaço para a diferenciação dos sujeitos por meio da ressignificação de signos sociais.

Como apresentado no decorrer deste texto, a noção de gênero é uma construção sociocultural, que orienta os comportamentos e os papéis dos sujeitos na sociedade. Neste sentido, as masculinidades são reproduzidas e expressadas segundo óticas institucionalizadas que normatizam e validam os comportamentos.

Alguns pontos que atraem a atenção são as diferenciações na estética dos personagens. Por serem imagens estáticas, os traços com os quais são desenhados são fundamentais para a identificação destes. Mesmo que estes traços tenham sofrido influências dos estilos dos artistas no decorrer dos anos de existência de cada um deles, é percebido que se trata de uma estratégia para fragilizá-los – ou mesmo torná-los mais reais.

Rictor e Shatterstar são personagens tridimensionais, cujas complexidades tentamos descrever neste trabalho. Contudo, não há de ser ignorado que são produtos midiáticos e, como tais, se inscrevem em uma lógica mercadológica que se orienta pela produção/consumo. Embora Peter David tenha tido alguma liberdade criativa durante o desenvolvimento de suas narrativas, isto certamente se deu em prol de vendas diretas ou indiretas do produto. O que, ainda assim, não desqualifica a importância destas HQs.

Didn't see that comin': plural masculinities in comic book X-Factor

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the possible discourses linked to the couple LGBTQ + Rictor and Shatterstar, superheroes of Marvel's X-Factor comic book. The research takes as its premise the statement by Rob Lendrum, who argues that the representations of the non-heterosexual superhero provided new ways of being in society, with more plural manifestations of genres. As a result, it is identified that "Ricstar", although inscribed in a logic of production and consumption, contributes to question the structuring norms of the binary matrix under which genres are constructed and interpreted, re-signifying them within its limitations to promote new discourses that are more diverse and inclusive.

KEYWORDS: Comics. Gender. Sexuality. Masculinities. Marvel.

¡Por esto no esperé!: masculinidades plurales en el cómic X-Factor

RESUMEN

Este artículo presenta un análisis de los posibles discursos vinculados a la pareja LGBTQ + Rictor y Shatterstar, superhéroes del cómic X-Factor de Marvel. El trabajo toma como premisa la declaración de Rob Lendrum, quien argumenta que las diferentes representaciones del superhéroe heterosexual proporcionan nuevas formas de ser y estar en la sociedad, con manifestaciones de géneros más plurales. Por lo tanto, se identifica que "Ricstar", aunque inscrito en una lógica de producción y consumo, contribuye a cuestionar las normas de estructuración de la matriz binaria, bajo las cuales los géneros se construyen e interpretan, re-significándolos dentro de su propia limitación. promoviendo nuevos discursos que sean más diversos e inclusivos.

PALABRAS CLAVE: Cómic. Género. Sexualidad. Masculinidades. Marvel.

NOTAS

¹ GLAAD, *Gay & Lesbian Alliance Against Defamation*, é uma iniciativa americana não governamental que, desde 1985, monitora a representação de LGBTQI+s na mídia. Um prêmio é entregue uma vez ao ano para bens culturais que, de acordo com a iniciativa, ajudem a promover o entendimento, a aceitação e a igualdade de direitos da comunidade perante a sociedade.

² Simone de Beauvoir trata do gênero enquanto construção identitárias e, segundo Butler (2003), ainda apresenta resquícios de fatores biológicos, de modo que um corpo biologicamente masculino se faria homem, tal como um corpo biologicamente feminino se faria mulher. Para Butler, a afirmação de Beauvoir pode ser interpretada de modo a considerar que o corpo “[...] tenha sido considerado sempre interpretado por meio de significados culturais” (BUTLER, 2003, p. 7).

³ Trad. dos autores a partir do original: *The performative is not merely an act used by a pre-given subject, but is one of the powerful and insidious ways in which subjects are called into social being, inaugurated into sociality by a variety of diffuse and powerful interpellations. In this sense the social performative is a crucial part not only of subject formation, but of the ongoing political contestation and reformulation of the subject as well. In this sense, the performative is not only a ritual practice: it is one of the influential rituals by which subjects are formed and reformulated.*

⁴ Segundo o filósofo Félix Guattari (2010, p. 10), o conceito de pulsões desejantes de refere a “uma relação com a existência, uma construção da existência. É uma ontologia construtivista: eu construo o meu mundo através de dimensões maquínicas, incorporais, de territorialização existencial, no seio de uma economia de fluxos. É isso a pulsão: é a pulsão de vida.”

⁵ Conforme exposto em Iceman, v. 3, n.9. O diálogo acontece entre Rictor e a versão do passado de Bobby Drake, o Homem de Gelo, que foi deslocado para o presente e revelou ser gay, diferente da versão que o público leitor conhecia.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Performativity's social magic. In: SHUSTERMAN, R. (org.). **Bourdieu: A critical reader**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999, p.113-128.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249-274, jan-jun, 2016.

CRONIN, Brian. Comic Book Urban Legends Revealed #125. **Comic Book Resource**. Comic News. 18 out. 2007. Disponível em: <<http://www.cbr.com/comic-book-urban-legends-revealed-125/>>. Acesso em 05 ago. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2012

GUATTARI, Félix. As pulsões. Entrevista com Félix Guattari. **Cadernos de Subjetividade**. n. 12, p.7-13, 2010.

LENDRUM, Rob. Queering super-manhood: the gay superhero in contemporary mainstream comic books. **Journal for the Arts, Sciences, and Technology**. v.2, n.2, p. 69-73. 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Autêntica, 2013.

MELROSE, Kevin. Liefeld 'can't wait to someday undo' Shatterstar development. **Comic Book Resources**. 03 jul. 2009. Disponível em: <<http://robot6.comicbookresources.com/2009/07/liefeld-cant-wait-to-someday-undo-shatterstar-development/>>. Acesso em 05 ago. 2020.

PAIVA, Antônio Christian Saraiva. Reserva e invisibilidade: a construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, A Anna Paula; MELLO, Luiz (org.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, pp. 23-46.

SUNU, Steve. X-POSITION: Peter David Concludes "X-Factor". **Comic Book Resources**. Comic News. 17 set. 2013. Disponível em: <<http://www.cbr.com/x-position-peter-david-concludes-x-factor/>>. Acesso em 05 ago. 2020.

VIANA, Nildo. **Heróis e super-heróis do mundo dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

VIANA, Nildo. **Quadrinhos e crítica social**. O universo ficcional de Ferdinando. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.

Recebido: 27/04/2020.

Aprovado: 04/09/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v14n43.12102.

Como citar: DALBETO, Lucas do Carmo; MARQUES, José Carlos. Por esta eu não esperava!: Masculinidades plurais na HQ X-Factor. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n.43, p. 315-333, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Lucas do Carmo Dalbeto

Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01, Vargem Limpa, Bauru, São Paulo, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

